

SOBRE A UNIDADE DA PALAVRA POLISSÊMICA

1. O problema

Perante qualquer palavra *polissémica* isto é, com vários significados diferentes relacionados entre si, uma das questões que, à partida, se colocam é saber que unidade existe nela (e o que é que faz dela uma unidade) e como articular esta unidade com aquela pluralidade. Ou ainda, porque é que e como é que denominamos e conceptualizamos diferentes significados, diferentes conceitos por meio de um mesmo nome? O problema complica-se quando nos confrontamos com palavras como *deixar, mudar, linha bom, com de*.

Alguns autores postulam a existência de um significado único e unificador - um «core meaning», «noyau sémantique», «Gesamtbedeutung», «signifié de puissance». Outros defendem que os vários significados estão unidos não necessariamente por uma entidade central ou algo em comum que definam a palavra.

Neste breve estudo, procuraremos analisar criticamente estas duas concepções e proporcionar algumas pistas para o tratamento do problema em causa.

2. Monismo e pluralismo

2.1. A teoria da significação única tem sido recentemente defendida por diferentes autores.

Numa linha guillaumiana, Picoche (1977, 1986, 1989) e Hirtle (1989) advogam, como princípio explicativo tanto da pluralidade como da unidade da palavra polissémica, a noção de «signifié de puissance», entendendo-a como uma entidade inconsciente e virtual, análoga à potência de uma máquina, mais ou menos actualizada segundo as circunstâncias, ou a uma capacidade física como a de abrir a boca, que pode ser exercida de diversas maneiras e para diversas funções: um tipo de causa em que o efeito pressupõe necessariamente a condição, mas a condição não prevê necessariamente tal efeito⁽¹⁾.

Desta forma, Picoche estabelece, por exemplo, para o verbo *changer* o «signifié de puissance» 'faire devenir autre'(2), e para os verbos *voir* e *poser*, 'relação' e 'duração', respectivamente(3).

Num estudo também recente, Ruhl (1989) procura defender a tese de que, não obstante a existência da polissemia, todas as palavras possuem um único significado (genérico e geralmente abstracto), mesmo aquelas como o verbo *bear*.

Psicologistas como Caramazza e Grober (1976) ou Miller (1978) sustentam também que a palavra polissémica possui um único «core meaning», armazenado no léxico. Assim, para os muitos significados de *line*, apresentam, como seu significado central (e significado da palavra como um todo), 'extensão unidimensional'.

Mas este *monismo* não é de hoje. Ele encontra, de certa forma, justificação na concepção clássica da categorização, segundo a qual a conceptualização de objectos diferentes numa mesma categoria faz-se na base de propriedades comuns(4). É típico do estruturalismo linguístico, e foi aqui fundamentado à luz da teoria fonológica: tal como acontece com o fonema e os seus alofones, também a palavra se define por um conjunto de traços comuns aos seus significados, sendo estes considerados como «variantes contextuais» desse núcleo. Só para citar alguns exemplos concretos, lembremos o famoso ensaio de Jakobson (1936) sobre o caso em russo, estipulando para cada caso um «Gesamtbedeutung», ou o não menos reputado trabalho de Pottier (1962), estabelecendo para cada preposição uma significação fundamental única.

Ora, se, em princípio, é possível e desejável a abstracção, no sentido de procurar a significação fundamental de qualquer palavra ou categoria, este *monismo* não deixa de colocar sérios problemas.

Em primeiro lugar, esse tal valor fundamental único, seja qual for o seu entendimento(5), torna-se, por vezes, tão abstracto e tão genérico que perde precisamente a sua função identificadora e distintiva, isto é, não só não dá conta dos diferentes significados por ele supostamente unidos, como possibilita outros que a palavra não possui, e é inevitavelmente comum a outras palavras diferentes. É o que se passa com 'relação' e 'duração' relativamente a *voir* e *poser*(6). Ou com

'extensão unidimensional' para *line*: neste caso, note-se que é só (ou sobretudo) na geometria que a *linha* é unidimensional; na linguagem corrente, linha tem também largura e volume, diferenciando-se, assim, do *cordão* e do *fia*, por exemplo.

Por outro lado, a tentativa de resolução deste problema, ou a impossibilidade de encontrar uma significação comum a todos os significados podem levar a considerar como homonímia o que é ainda polissemia.

Saliente-se ainda que o postulado de uma significação única conduz, por vezes, a uma desqualificação ou desvirtuação, ou mesmo até negação da própria polissemia, no sentido de se entenderem os vários significados de uma palavra como sendo simples interpretações impostas por factores contextuais ou princípios pragmáticos. Ruhl (1989) assume inteiramente esta perspectiva.

Em suma, que exista em toda e qualquer palavra polissémica um único significado fundamental ou uma certa (mas relevante) significação comum a todos os seus significados é, pelo menos, duvidoso.

2.2. Autores da chamada «Semântica Cognitiva» ou «Semântica do Protótipo» consideram que os vários significados de uma palavra ou categoria (bem como os vários designados ou referentes) estão unidos, fundamentalmente, por uma «parecença de família» («family resemblance», conceito tomado de Wittgenstein). Trata-se de uma estruturação que permite que diferentes significados (ou designados) possam estar ligados uns aos outros sem que apresentem qualquer propriedade em comum que defina a palavra ou categoria⁽⁷⁾. Tendo em conta apenas a polissemia, a preposição *over*, objecto da tese de Brugman (1983) e analisada também por Lakoff (1987), é apresentada como um exemplo ilustrativo desta situação.

Outro exemplo, bastante interessante, encontra-o Lakoff (1987) nos classificadores (ou introdutores de nome) do Diyrbal, língua aborígine da Austrália, os quais reúnem coisas tão diversas que, à primeira vista, não parece poder encontrar-se uma explicação para tais categorizações. Veja-se apenas um deles: *balan* por exemplo. Ele associa as mulheres, os cães, determinados marsupiais, insectos coleópteros, algumas serpentes, alguns peixes, a maior parte dos

pássaros (e aves), os pirilampos, os escorpiões, os grilos, qualquer coisa ligada à água ou ao fogo, o sol e as estrelas, algumas árvores, etc. Lakoff procura demonstrar que este agrupamento não é arbitrário: cada uma destas entidades está ligada, pelo menos, a uma outra. O sol, por exemplo, está relacionado com as mulheres, pois nos mitos ele aparece como sendo a esposa da lua (por esta mesma razão, a lua figura juntamente com os homens noutro classificador, *bayi*). Os pássaros (e aves) pertencem a *balan* porque são vistos como espíritos femininos; o fogo, por se situar no mesmo domínio de experiência que o sol; e sendo o fogo perigoso, daí as coisas perigosas; a água, porque extingue o fogo; etc. *Balan* encontra-se assim estruturado, conclui Lakoff, por uma série de associações ou encadeamentos, que partem da entidade primária ou central, as mulheres.

Quer isto dizer, portanto, que a condição necessária e suficiente de uma «parecença (ou ar) de família», e por conseguinte da polissemia, é a, de que cada significado partilhe, pelo menos, uma propriedade com outro da mesma categoria, assim: *AB BC CD DE*. Concluem os autores desta teoria que é inútil procurar algo de comum a todos os significados, mas reconhecem a existência de um significado básico, primeiro ou central (com o qual é identificada a noção de *protótipo* ⁽⁸⁾), a partir do qual se pode explicar ou derivar os outros. Este ou aquele significado não-básico pertence a uma determinada categoria polissémica, dizem eles, não por azar, nem por necessidade, mas por *motivação* (convencional), através de diferentes relações ou modelos associativos⁽⁹⁾.

Esta concepção apresenta a vantagem de se poder aplicar, naturalmente, a factos polissémicos como *over*, *balan* (ou outros), relativamente aos quais a concepção anterior teria, no mínimo, muitas dificuldades. Mas ela comporta também um risco: o da proliferação da polissemia⁽¹⁰⁾, o do *pluralismo*. Isto é, perante dois ou mais usos diferentes de uma mesma palavra, a tendência será considerá-los como um caso de significado múltiplo, sem antes se colocar a questão da possível existência de um significado unitário.

Um outro problema diz respeito ao significado central ou prototípico: ao contrário do que parece pretender Lakoff, com a noção de

«estrutura radial»⁽¹¹⁾, ele nem sempre é único. Por exemplo, a preposição *over*, além do significado central identificado por Brugman e Lakoff, 'above and across' («The plane flew over the city»), apresenta, pelo menos, mais dois, 'above' («Hang the painting over the fireplace») e 'covering' («The board is over the hole», «He drew a shade over the window»).

Acrescente-se ainda que a noção estimulante de «parecença de família» é capaz de *descrever* tudo, mas de *predizer* pouco ou nada.

3. Significados fundamentais, derivados e variantes

Em qualquer palavra polissémica, convém, pois, verificar não só a existência de todos os diferentes significados relacionados entre si por um «ar de família», digamos assim, como também, pela via da abstracção, a dos significados fundamentais (um ou mais), pelos quais se explicam (ou dos quais derivam) os restantes.

3.1. Consideremos a questão dos significados fundamentais⁽¹²⁾. Num trabalho anterior⁽¹³⁾, estabelecemos a distinção entre *polissemia de acepções* (significados sincronicamente derivados por meio de qualquer relação metafórica, metonímica ou de implicação) e *polissemia de significados* (significados relacionados sem que se possa observar qualquer destas relações), e considerámos estes últimos como sendo, em princípio, os fundamentais, os centrais, admitindo, no entanto, a possibilidade de entre eles existirem diferenças de centralidade.

O verbo *criar* ou o verbo *ver*, por exemplo, possuem um único significado fundamental, respectivamente 'dar o ser, a existência, a vida' e 'perceber pelo sentido da visão', de cada um dos quais derivam, por relação metafórica (sobretudo), todos os restantes. No verbo *deixar*, distinguimos oito *significados* (não *acepções*), distribuídos por dois grupos: *deixar* 'permitir' e *deixar* 'separar-se de (um lugar, uma posse, um estado, uma função, etc.)'. Podemos considerá-los, a estes últimos, como sendo os dois significados fundamentais de *deixar*, mas é muito difícil ou mesmo impossível encontrar aqui um único significado fundamental (e a hipótese da homonímia é de rejeitar, dada a relação entre as duas significações). No adjectivo *bom* distinguem-se cinco *significados*, cinco categorias de valor: 1. 'funcionalidade' («bom médico»), 2. 'utilidade' («algo bom para a saúde»), 3. 'prazer' («comida

boa», «Como é bom ver o pôr-do-sol»), 4. 'ético' («bom comportamento»), 5. 'bondade' («pessoa boa»). A hipótese de um único significado fundamental conduzir-nos-ia a algo de extremamente genérico: 'valorização positiva'.

Atente-se no verbo *mudar*. Talvez se possa aceitar, como significado fundamental único, 'causar/sofrer a passagem de x a/para y', podendo x e y ser 'um estado físico ou moral', 'uma forma de comportamento', 'uma situação', 'uma aparência', 'um lugar', etc. (melhor do que 'fazer tornar-se outro', estabelecido, como vimos, por Picoche para *change*), do qual «derivariam» 'modificar' («mudar o/de comportamento»), 'deslocar' («mudar algo de lugar») e 'trocar, substituir' («mudar a/de fechadura»), ou então apenas este último. No entanto, esta ou estas «derivações» são de natureza diferente das de quaisquer relação metafórica, metonímica ou de implicação.

Parece poder, portanto, concluir-se, a partir de *deixar, bom* ou *over*, que nem sempre existirá um único significado fundamental. Mesmo que nestes casos seja possível apontar algo de comum, de «unitário», isso, ou não é uma significação mas parte, ou é tão genérico e tão vago que se torna irrelevante. Outra hipótese seria considerar como significação fundamental a combinação dos diferentes significados centrais (por exemplo, no caso de *over*, essa significação seria 'above, across and covering'), mas aí essa significação fundamental única era já em si polissémica.

Observe-se, por outro lado, que mesmo nos casos em que existe um único significado fundamental, as relações que unem os diferentes significados não implicam necessariamente a existência de um denominador semântico comum a todos eles. Por exemplo, *papel* com o significado de 'acção, influência que se exerce ou função que se desempenha, se atribui' não tem nada directamente a ver com o significado primário ou fundamental deste substantivo, 'matéria fabricada com fibras vegetais...', nem com os que deste imediatamente derivam, 'folha ou pedaço de papel', por exemplo, mas está com estes relacionado por meio de outros.

3.2. Passemos ao problema da delimitação dos vários significados. Aqui, é preciso distinguir entre significados ou conceitos diferentes e variantes (ou usos) de um mesmo significado. Por exemplo, *ver*

'compreender' é claramente um outro significado distinto (uma *acepção* metafórica), mas *ver* 'olhar para' («Vi, mas não prestei atenção») e *ver* 'prestar atenção' («Olhei, mas não vi»), ou ainda «ver televisão», *ver* no sentido de 'ler' são simplesmente variantes do mesmo significado 'perceber pelo sentido da visão'. *Jogo* pode significar tanto 'uma actividade (governada por regras)' («O jogo durou uma hora»), como 'um conjunto de regras (que governam uma actividade)' («O jogo é simples»), mas trata-se de um mesmo significado. Não vamos dizer que o advérbio de negação, por ser utilizado, tanto no português como em muitas outras línguas, quer para negar o conteúdo proposicional («Ele não tem medo, é corajoso»), quer para negar, a nível metalinguístico, outro elemento do acto de fala («Ele não tem medo, tem pavor» - frase que implica, ao contrário da anterior, «Ele tem medo»), é polissémico; *não* tem apenas um único significado (abstracto) e diferentes usos pragmaticamente predizíveis.

Embora nem sempre seja fácil estabelecer esta distinção (os muitos critérios que têm sido apresentados não são, por vezes, decisivos⁽¹⁴⁾), importa aqui reconhecer a existência destes dois fenómenos: o da polissemia propriamente dita (significados ou conceitos distintos) e o das variantes ou usos particulares de um significado - mais dependentes do contexto ou menos -⁽¹⁵⁾, a que alguns chamam *alossemia*⁽¹⁶⁾, outros *abstracção*⁽¹⁷⁾, ou simplesmente monossémia. É naturalmente para este segundo fenómeno que mais e melhor convém a afirmação e o sentimento da unidade.

Uma última observação, a respeito das categorias gramaticais, relativamente às quais a tendência é considerá-las monossémicas ou vagas, ou então dividi-las em diferentes categorias homónimas. Se há algumas que o são (monossémicas, como o advérbio de negação), outras (talvez a maior parte) são de facto polissémicas, e, entre estas, haverá algumas com mais de um significado fundamental (por exemplo, *over e, talvez, com de*)⁽¹⁸⁾.

4. Conclusão

Que unidade existe então na palavra (ou em qualquer outra categoria) polissémica? Como pudemos verificar, ela não parece

residir necessariamente na existência de um significado único que unifique e do qual derivem todos os outros, nem muito menos num denominador semântico comum a *todos* os significados. O «signifié de puissance» e o «Gesamtbedeutung» são, pois, mais *construtos* linguísticos do que realidades da linguagem. É necessário, porém, analisar muitos mais palavras e categorias gramaticais, para melhor fundamentar esta conclusão, particularmente a hipótese da existência de mais do que um significado fundamental.

São essencialmente as variadas relações cognitivas (metafóricas, metonímicas e outras), não necessariamente fundadas em similaridades reais, que entre si unem os vários significados, que conferem a qualquer palavra (ou categoria) polissêmica, mesmo à mais diversificada e complexa, uma certa unidade, que fazem dela uma mesma família, uma mesma palavra ou categoria. Mas uma unidade, uma família, uma palavra ou categoria de significados ou conceitos necessariamente diferentes.

NOTAS

(1) «L'avantage de concevoir le signifié de puissance de cette façon est d'assurer l'unité du signifié en langue - et sans un rapport univoque institué entre signe et signifié il serait impossible de communiquer comme nous le faisons - tout en permettant la diversité des effets observables en discours», conclui Hirtle (1989: 176).

(2) Picoche (1986: 51-57). Este «tornar-se outro» tem quatro formas, consoante a mudança incida na *substância*(S), no *ocidente*(A) ou na *espécie*(E): «outro» relativamente 1. a A, mas não a S nem a E ('modifier'); 2. a S, mas não a E ('remplacer'); 3. a E e A, mas não a S ('changer en'); 4. a S, eventualmente S e E, S e A, ou S, E, A ('changer contre').

(3) Relativamente a *voir* e *passer*, cf. Picoche (1986: 25-29) e (1977: 78-83).

(4) Isto é, um objecto *x* pertence à categoria *X* se possuir as propriedades que constituem o denominador comum dessa categoria. Esta concepção é, por isso mesmo, denominada, pelos seus críticos, como «modelo das condições necessárias e suficientes».

(5) Ver também Paquot-Maniet (1977), sobre a noção de «noyau sémantique».

(6) O argumento de Picoche de que o que define o «signifié de puissance» não é somente o mínimo semântico comum a todas as acepções, mas também a capacidade de percorrer uma certa trajectória e não outra, não é suficiente.

(7) Cf. Lakoff (1987: 12). Ver também Rosch/Mervis (1975). Wittgenstein (1953: 31-32) utilizou a metáfora «family resemblance» para explicar a relação entre os vários referentes da palavra *Spiel* (jogo). Kleiber (1990) demonstra que a teoria da «family resemblance» aplicada às categorias polissêmicas é própria da *versão alargada* da Semântica do Protótipo.

(8) Na versão alargada da Semântica do Protótipo, o *protótipo* deixa de ser a entidade central que «representa» uma determinada categoria, quer como melhor exemplar, quer como combinação de propriedades típicas, e passa a identificar-se, na condição de efeito, com a sub-categoria ou significado básico, e também, num outro nível, com a entidade central de cada um dos significados. A este propósito, ver Kleiber (1990).

(9) Lakoff (1987: 68) fala de *modelos cognitivos idealizados* na origem da constituição das categorias e dos efeitos prototípicos. E de quatro princípios de estruturação destes modelos: estruturas proposicionais (como nas «frames» de Fillmore), estruturas em esquemas de imagem (como na gramática cognitiva de Langacker), a metáfora e a metonímia. Sobre estes dois últimos, ver, particularmente, Lakoff/Johnson (1980).

(10) Como também observa Kleiber (1990: 182), na avaliação que faz da Semântica do Protótipo.

(11) «A radial structure is one where there is a central case and conventionalized variations on it which cannot be predicted by general rules» (Lakoff, 1987: 84). Este tipo de estruturação é o que «departs most radically from classical theories» (*ibid.*, p. 379) e «the most radical prototype phenomena» (*ibid.*, p. 153). É o que caracteriza a polissemia de *over* (*ibid.*, pp. 435-36) e a de *balan* (*ibid.*, p. 103).

(12) Tomamos como sinónimos os termos *fundamental primária básica central*

(13) Silva (1991).

(14) Sobre estes critérios, ver Cruse (1986: 54-66), Sweetser (1986), Deane (1987), só para citar alguns dos estudos mais recentes.

(15) Não confundir este fenómeno com o da diversidade de referentes de palavras como *árvore* ou *ave*.

(16) Deane (1987), que distingue, mediante o critério da *predizibilidade*, dois tipos de polissemia: a *classemia* (predizível) e a *polissemia lexical* (não predizível).

(17) Sweetser (1986).

(18) Sobre a polissemia gramatical, ver, entre outros, Brugman (1983), Lakoff (1987), Cuyckens (1988), Taylor (1989), Sweetser (1986, 1990) e também autores não conotados com a Semântica Cognitiva, como Wierzbicka (1988). Relativamente às preposições *com* e *de*, Cunha e Cintra (1984: cap. 15), seguindo a teoria de Pottier (1962), estabelecem uma significação fundamental unitária: 'adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade' e 'movimento de afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem', respectivamente; o que mostra, à partida, não só o seu carácter polissémico, até aí reconhecido, como também a dificuldade, ou impossibilidade de encontrar, para cada uma delas, uma única significação fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUGMAN, Claudia (1983) - *Story of over*, distr. por Indiana University Linguistics Club.
CARAMAZZA, Alfonso / GROBER, Ellen (1976) - «Polysemy and the structure of the

- subjective lexicon», in C. Rameh (ed.), *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics: Semantics: Theory and Application* 1976, Washington, Georgetown University Press, pp. 181-206.
- CRUSE, D. Alan (1986) - *Lexical semantics* Cambridge, Cambridge University Press.
- CUNHA, Celso / CINTRA, Lindley (1984) - *Nova Gramática do Português Contemporânea* Lisboa, Sá da Costa.
- CUYCKENS, Hubert (1988) - «Spatial prepositions in cognitive semantics», in W. Hülsen e R. Schulze, *Understanding the Lexicon* 1988, Tübingen, Niemeyer, pp. 316-328.
- DEANE, Paul (1987) - *Semantic theory and the problem of polysemy*, University of Chicago (Ph. D. dissertation).
- FILLMORE, Charles (1975) - «An alternative to checklist theories of meaning», *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 123-131.
- HIRTLE, Walter (1989) - «La raison des phrases ambiguës: entre le signifié de puissance et le contexte», *Modèles Linguistiques* XI-2, pp. 169-182.
- JAKOBSON, Roman (1936) - «Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre: Gesamtbedeutungen der russischen Kasus», in R. Jakobson, *Selected Writings* The Hague, Mouton, vol. 2, pp. 23-71.
- KLEIBER, Georges (1990) - *La Sémantique du Prototype: catégories et sens lexical* Paris, PUF.
- LAKOFF, George (1987) - *Women, Fire and Dangerous Things. What categories reveal about the mind* Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George / JOHNSON, Mark (1980) - *Metaphors we live by*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LANGACKER, Ronald (1987) - *Foundations of cognitive grammar*, vol. 1, Stanford, Stanford University Press.
- MILLER, George (1978) - «Semantic relations among words», in Morris Halle *et al* (eds.), *Linguistic theory and psychological reality*, 1978, Cambridge, MA, MIT Press, pp. 60-118.
- PAQUOT-MANIET, Annette (1977) - «Le noyau sémantique», *Atti del XIV Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romana*, Napoli, vol. IV, pp. 343-349.
- PICOCHÉ, Jacqueline (1977) - *Précis de lexicologie française*, Paris, Nathan.
- PICOCHÉ, Jacqueline (1986) - *Structures sémantiques du lexique français* Paris, Nathan.
- PICOCHÉ, Jacqueline (1989) - «Polyémie n'est pas ambiguïté», *Cahiers de Praxématique*.
- POTTIER, Bernard (1962) - *Systématique des éléments de relation* Paris, Klincksieck.
- ROSCH, Eleanor / MERVIS, Carolyn (1975) - «Family resemblances: studies in the internal structure of categories», *Cognitive Psychology* 7, pp. 573-605.
- RUHL, Charles (1989) - *On Monosemy: a study in linguistic semantics* Stony Brook, State University of New York Press.

- SILVA, Augusto S. (1991) - «*Significados e acepções: dois tipos de polissemia*», *VII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*
- SWEETSER, Eve (1986) - «*Polysemy vs. abstraction: mutually exclusive or complementary?*», *Proceedings of the Twelfth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 528-538.
- SWEETSER, Eve (1990) - *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*, Cambridge, Cambridge University Press.
- TAYLOR, John (1989) - *Linguistic Categorization: prototypes in linguistic theory*, Oxford, Clarendon Press.
- WIERZBICKA, Anna (1988) - *The semantics of grammar*, Amsterdam, John Benjamins.
- WITTGENSTEIN, Ludwig (1953) - *Philosophical Investigations* New York, The McMillan Co.